

DESIGN DE AZULEJOS

Brigite Barcelos - Departamento de Dibujo, Universidad Politécnica de Valência; Doutoranda
Antero Ferreira - Departamento de Design, Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto;
Professor Auxiliar

Luís Mariz Ferreira - Departamento Ciências da Educação e do Património, Universidade
Portugalense/GeoBioTec (Universidade de Aveiro); Professor Auxiliar/Investigador

RESUMO

O gosto pelos revestimentos azulejares está patente no património vernacular de muitas cidades portuguesas, sendo, na cidade do Porto, a sua presença importante no espaço público. Enquanto suporte decorativo, o azulejo reflecte os gostos de cada época, as vivências, padrões de consumo, os modos de expressão, revelando histórias, vidas e culturas. É pretendido elencar os motivos que se encontram na base deste fenómeno e apontar tipos de soluções que permitam a manutenção das características urbanas de contexto histórico, pondo em evidência a necessidade, premente, na aposta do design de azulejos, compreendendo a integração de novos padrões e desenhos, permanecendo a capacidade de materialização de uma ideia, não desprezando nunca a importância material e formal dos elementos tradicionais do azulejo.

ABSTRACT

The pleasure in the use of covers with glazed tiles is reflected in the civil heritage of many Portuguese cities and, in the city of Oporto, it has a major presence in public space. As decorative support, the tile reflects the tastes of each season, the experiences, consumption patterns and modes of expression revealing stories, lives and cultures. It is intended to list the reasons that lie at the basis of this phenomenon and point out types of solutions to the maintenance of urban characteristics of historical context, highlighting the need, urgently, in the bid design of tiles, including the integration of new standards and drawings, the remaining capacity of the materialization of an idea, it never disregard the importance of material and formal elements of the traditional tile.

PALAVRAS-CHAVE

Azulejo; Design; Património; Renovação urbana

KEYWORDS

Tile; Design; Heritage; Urban renewal

1. INTRODUÇÃO

Desde há séculos que a azulejaria ocupa uma posição de destaque entre as artes portuguesas. Enquanto suporte decorativo autónomo, o azulejo ganha valor individual nos finais do século XV com influências técnicas (pastas cerâmicas e vidrados) e formais (formatos e desenhos geométricos) provenientes da cultura moçárabe, não sendo de desconsiderar as incorporações formais da cultura europeia italiana (renascimento). É corrente a informação de que os primeiros azulejos usados no território nacional foram importados de Espanha para forrar espaços eclesiásticos, monásticos e nobiliárquicos, como a Sé Velha de Coimbra. A produção portuguesa começou na segunda metade do século XVI, sendo inequivocamente lusitano o exemplar presente na Igreja de São Roque em Lisboa, datado de 1575 e assinado por Francisco de Matos. Atribuído ao mesmo pintor, e datado de 1592, é o painel de “arte pública” representa uma caravela com dois castelos, painel aplicado numa fonte em Alcácer do Sal. O uso deste material continua a desenvolver-se e a proliferar, ganhando autonomia e complexidade relativamente às referências e, ao serviço das reformas eclesiásticas, é suporte de cenas historiadas da qual o período dos Grandes Mestres é um facto marcante.

No decurso do século XVIII, no Brasil, os burgueses mais abastados compram restos de produção de azulejos de padrão destinados a forrar edifícios religiosos e aplicam nas fachadas dos seus prédios. Com a independência desta província houve o retorno desses “brasileiros” (imigrantes retornados) que voltam a aplicar esta solução decorativa. No espaço de poucos anos, este gosto rapidamente extravasa esta comunidade e é genericamente

adoptado. Em resposta à demanda, as fábricas da região do Porto começam a produzir os primeiros padrões especificamente desenhados para o exterior, sendo que o seu uso vai ser continuado por mais de cem anos, até à década de 1930.

Os revestimentos em azulejo na arquitectura vernacular portuguesa, e portuense em particular, constituem-se como um documento histórico (caracterização social, industrial, tecnológica, económica, urbanística e arquitectónica) importante mas apresentam mais potencialidades ao se constituir um património único no contexto europeu.

O azulejo é um aliado natural da arquitectura tradicional do Porto, acabando por ser um documento histórico importante. É através dele que podemos estudar modos e ambientes de vida através dos tempos, assim como caracterizar ambientes arquitectónicos.

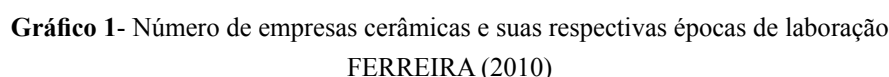
2. O AZULEJO E A CIDADE

Podemos inflectir que a cidade do Porto é constituída por edifícios que correspondem a habitações particulares, com azulejos a incorporarem os seus corpos que reproduzem histórias e que observando as fachadas, proporcionam um olhar muito atento quer de turistas nacionais quer fundamentalmente de turistas internacionais, pois a par da sua esplendorosa cor, brilho e texturas realçam um passado de uma urbe, sendo que os imóveis observados não se enquadram na noção de “monumento” o que valoriza significativamente a dinâmica dos olhares curiosos. A maioria dos imóveis que exibem azulejos de exterior são edifícios (habitações), mais ou menos modestos que reflectem as pessoas que os erigiram e neles habitaram: os gostos, a cultura, as disponibilidades económicas, as histórias (pessoais,

de portugueses emigrados no Brasil (denominados, na época, de brasileiros) que retornaram a “casa” devido à instabilidade político-social no Brasil, desencadeada pela promulgação unilateral de independência do Brasil em 1822 e que se prolongou até 1840. Vários autores concordam que esta forma de revestimento introduzida no reino de Portugal se deveu a estes emigrantes.

de independência do Brasil em 1822 e que se prolongou até 1840. Vários autores concordam que esta forma de revestimento introduzida no reino de Portugal se deveu a estes emigrantes.

esta forma de revestimento introduzida no reino de Portugal se deveu a estes emigrantes.



O aumento da utilização dos azulejos aconteceu com um processo de industrialização e modernização tecnológica enraizada na Revolução Industrial, em que as fábricas de cerâmica localizadas nas cidades aumentaram a produção, como consequência na diminuição dos custos, recorrendo ao azulejo e permitindo seu emprego em massa como material privilegiado de revestimento. [Ver gráfico 1]

Estas condições favoráveis terão como consequência em algumas cidades, especialmente no Porto, que possuem conjuntos edificados com azulejos no seu exterior que lhes imprimem uma identidade própria.

A maior parte das fábricas estabelecidas na zona portuense, no Porto e em Vila Nova de Gaia, lançam-se na produção de azulejos semi-industriais em meados de Oitocentos, tendo sido fundadas ao longo do século XVIII, sendo algumas delas a Fábrica de Massarelos (1766) [Figura 1], Miragaia (1775), Cavaquinho (1778), Santo António do Vale da Piedade (1785). Durante o século XIX foram fundadas a Fábrica do Carvalhinho (1840) [Figura 2], Fervença (1824), Torrinha (1844), Senhor do Alem (1856) e a das Devesas (1865) [Figura 3].



Figura 1- Fábrica de Massarelos, Porto. Azulejo de fachada relevados. A partir de meados do séc. XIX.



Figura 2- Fábrica do Carvalhinho, Porto. Azulejo de cerca-dura. Final do séc. XIX/princípio do séc. XX.

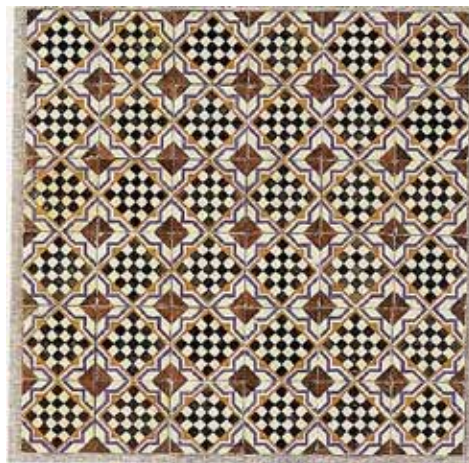


Figura 3- Fábrica das Devesas, Porto. Azulejo de padrão.

2.^a Metade do séc. XIX.

2.2 A “cidade velha” e a “nova cidade” (a necessidade de reabilitação - como reabilitar, quais os elementos dignos de preservação) [Ver gráfico 2]

A par de um desenvolvimento da sociedade quer através das novas tecnologias, quer através de novas formas de estar e ser parte de um mundo, verifica-se uma degradação em determinados centros históricos, nos quais a deterioração é o resultado de um contexto sociocultural, histórico e funcional, sendo que também por outro lado é fruto da necessidade de capitalizar estes elementos como focos importantes, tem-se assistido a uma reabilitação e regeneração urbana de edifícios que reflectem a história aí reproduzida. Exemplo desta política é o que se verifica na cidade do Porto, cidade património da humanidade, com panos ricos em azulejos que reproduzem histórias antigas desenvolvendo conceitos urbanos através de cores com ritmos vários e texturas que transformam uma cidade rica e onde se pode verificar épocas importantes.

Há uma particularidade sociologicamente importante que é o facto da sua ornamentação se referir aos anos oitenta mas que para a população em geral trata-se de uma época excessivamente perto à do nosso tempo como para atribuir a este tipo de obra o carácter de património singular e característico da cidade, que na verdade tem. Talvez por ser recente não houve a preocupação de legar para a história todas as técnicas que levaram à sua fabricação, manufactura e aplicação.

Assiste-se hoje em dia a uma menor utilização das práticas de tipo tradicional e também à substituição dos azulejos originais por padrões similares ou réplicas, bem como a eliminação dos revestimentos. Estas situações intervencionistas revelam não poucas vezes desconhecimentos vários, entre os quais os relacionamentos com metodologias alternativas. Neste ponto podem-se apontar várias técnicas: conservação, restauro, regeneração e a reutilização.

De momento não se vislumbra uma regra que permita avaliar exactamente, tanto um conjunto urbano assim como um edifício em particular. Existem factos e factores importantes a ter em conta aquando da intervenção em edifícios na adopção de opções metodológicas: condicionalismos legais, características da envolvente urbana, estudo do revestimento do edifício alvo e níveis de degradação, alterações e aumento de expectativas, exigências legais entre outras.

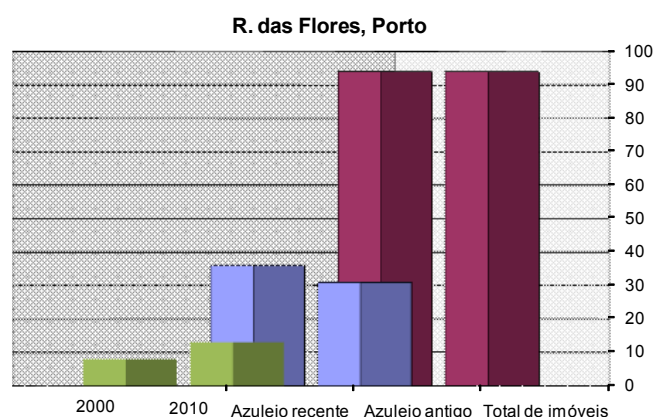


Gráfico 2- Número de edifícios com azulejo (s) antigo (s) e azulejo (s) recente (s) desde 2000. FERREIRA (2010)

3. O DESIGN AO SERVIÇO DO PATRIMÓNIO

Nos dias de hoje, quando se fala sobre património, procuram-se novos significados e sentidos numa cidade. A acelerada transformação das cidades veio revelar, como é valioso, o facto de preservar, valorizar, manter e conservar certos recantos, fachadas ou pequenos detalhes que nos cativam, como imagens que no nosso imaginário ganharam espaço.

3.1 Características da azulejaria do século XIX e de início do XX

Ao analisarmos o azulejo como elemento estético, não podemos esquecer que é utilizado como revestimento, sendo a cor e a textura que influenciam os espaços e mesmo a própria cidade. Antes do período industrial (meados do século XIX) apenas a classe alta usava o azulejo como revestimento/decoração. Mais tarde e quando a diminuição dos custos de produção, a sua utilização foi-se generalizando. Assim na altura dos anos 40 do século XX o azulejo foi mais relacionado com o carácter decorativo e com a sua utilização passou a haver uma redução

de manutenção e na própria decoração. É no século XX que o azulejo aparece com a função decorativa e começa a aparecer em painéis, frisos e medalhões. O elemento religioso e profano tem como características as mensagens visuais, a informação.

Verifica-se que a superfície deste elemento é mutante, uma vez que tem uma particularidade que possui características naturais implicando o reajustamento em função dos espaços e do tempo, de forma a dar vida às fachadas.

Verifica-se na cidade do Porto um aspecto interessante que nos remete para quem construiu ou não edifícios decorados com azulejos, sendo notável que nem sempre foram técnicos (engenheiros, arquitectos ou designers) responsáveis pela elaboração dos projectos, pois a articulação do motivo é inconsequente, muitas vezes com falhas de racionalidade e com gostos pouco claros. Demonstrando assim que o técnico de construção ou dono de obra ou mesmo o proprietário não possuem formação cultural para conseguir obter uma harmonia do azulejo integrado na urbe. Sendo necessário analisar as características tipológicas da arquitectura, sua riqueza, a planta, bem como a coordenação com as outras artes decorativas. É possível encontrar padrões, em algumas habitações com motivos geométricos ou de inspiração vegetal, bem como encontrar conjugações entre elementos vegetais e geométricos, em desenhos mais estilizados, monocromáticos ou policromados. Na cidade do Porto destacando-se em frisos, lambris, lintéis e aventais de janelas.

3.2 Exemplos de integração (casos práticos – desenho)

O azulejo incorpora quatro elementos importantes e que lhe atribuem um valor incomensurável, destacando-se o funcional, estético, religioso ou profano, ou como coopera numa forma de sinalética, ou seja como elemento identificador.

Ao observarmos os azulejos com padrão ou de cores planos, apercebemo-nos de como importantes foram para beneficiar espaços e da sua relação estrutural com a arquitectura.

O azulejo contém várias qualidades desde reforçar, evidenciar e interpretar a arquitectura, quer no facto de possuir muita informação determina observações diferentes, também em função das distâncias do observador.

Se pensarmos na cor, ela é usada como enriquecimento cromático, e no caso do desenho, perde-se com a distância, pois nalguns casos ele é demasiado neutro que só afecta a sua pigmentação.

Quando há módulos com padrões com um a ou mais azulejos, normalmente a malha regular interfere no desenho e podemos ter um azulejo quadrado, a dar origem a determinadas linhas na diagonal, na vertical, horizontal, bem como encontrar motivos concêntricos.

No caso da distância de observação do azulejo, este aparece como uma mancha uniforme, sendo uma característica bem particular, muitas vezes é interpretado como possuidor de informação para a sua dimensão. Só com a aproximação e distanciamento, é que se consegue ter a percepção da força de expressão destes elementos.

Este aspecto é visível nos trabalhos dos azulejos neoclássicos em que as cores claras influenciaram as leituras sendo legíveis de perto, podendo neste caso serem notados deficiências na pintura. Situação idêntica se verifica com a técnica pictórica utilizada – pintura manual. Ela só se revela na intimidade da aproximação. Só aqui, a esta distância, se revelam também as pequenas falhas de pintura.

[Anexos 1,2,3]

3.3 Outras vias de preservação

3.3.1 Estudos académicos

O azulejo encontra-se a ser estudado por diferentes pessoas em diferentes instituições enquanto objecto de trabalho:

- CARVALHO, Rosário Salema. *Rede Temática em Estudos de Azulejaria e Cerâmica João Miguel dos Santos Simões*. Núcleo de investigação do Instituto de História da Arte. Lisboa: da Faculdade de Letras.
- FERREIRA, Maria Isabel. *Revestimentos azulejares Oitocentistas de fachada, em Ovar. Contributos para uma metodologia de conservação e restauro*. Évora: Universidade de Évora. 2008 [Tese de Mestrado]
- PORTELA, Ana Margarida. *A Ornamentação Cerâmica na Arquitectura do Romantismo em Portugal*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. [Tese de Doutoramento]

3.3.2 Sensibilização institucional

De forma a entender quais as razões que levaram a que o património edificado se encontra, é necessário juntarmos dois aspectos importantes, que se interligam entre si e que são de ordem

social e político. O primeiro é a marcha das classes mais florescentes que do casco velho fazia novas áreas edificadas, por razões de salubridade (peste bubônica), desde mediados e até finais do século XIX. As áreas libertadas foram massivamente ocupadas por classes operárias. Naturalmente ou não, os investimentos nesses edifícios foram muito diminutos prolongando-se até finais do século XX. Além disso, em meados do século XX produz-se o congelamento das rendas de as moradias, com incrementos muito controlados. Só recentemente se publicou uma lei que permite sua actualização mas com critérios muito concretos e cujas consequências não são ainda visíveis. Para investir esta degradação foram formuladas várias propostas, mais radical datados anos 60 preconizava a derrubada de todo o casco velho (actualmente classificado pela UNESCO) para construir uma nova cidade. Mas, a realidade é que apesar das diferentes tentativas, não foi sido possível criar uma dinâmica que possibilite o investimento da espiral de degradação que marca o casco antigo da cidade. Com algumas tentativas até ao momento de reabilitar e requalificar as zonas antigas, assistiu-se a uma ténue reabilitação desde os anos 70, contudo sem intervenções que possam ser consideradas importantes.

Desde 1980 foi privilegiada a construção nova na periferia, permanecendo o casco histórico ocupado com uma população envelhecida e de poucos recursos. Com a intenção de investir esta espiral de degradação desde 1975 a Prefeitura de Vinho do Porto criou um gabinete focalizado na recuperação do casco histórico, o [CRUARB].

Temos que considerar que os actos de vandalismo e erros de projecto são os factos que se revelam à necessidade de intervenção imediata no exterior dos edifícios no Porto. Assim, as principais causas são a queda de azulejos por factores higrotérmicos, sal, deteriorações biológicas e o roubo. Surgem simultaneamente alterações do revestimento devido à alternância de gosto, e da sua relação directa com as decorações dos edifícios que influenciam necessidades estéticas, não só nas fachadas assim como na área térrea. Deteriorações ao nível de elementos metálicos, perda de vidro não são preocupações imediatas, a não ser que estejam incluídas em obras importantes. Da mesma forma que a dificuldade de identificar as datas de intervenção em panos e painéis em edifícios históricos, resulta igualmente difícil datar estas intervenções por carência de dados fidedignos.

Estas causas levam a que se observem intervenções desgarradas, quer dos proprietários dos edifícios ou pelos moradores. Também se observam algumas intervenções com formas controladas quando se assiste a ajuda estatal em forma de subsídio.

Estas causas conduzem a padrões de acção por parte dos proprietários ou habitantes. Existindo modelos de actuação: intervenções populares” efectuadas por moradores ou proprietários e baseadas no sentido comum; e intervenções com forma e ajuda estatal.

4. CONCLUSÃO

Uma vez que o seu desafio é descobrir novos benefícios e qualidades relevantes; qualidades

essas que neste caso particular, design de azulejos, deverá continuar a permanecer a capacidade de materialização de uma ideia, não esquecendo a importância material e formal dos elementos tradicionais do azulejo.

Acreditamos ser necessário adoptar novas atitudes, não unicamente reutilizar e reciclar, mas também adoptar novas estratégias sustentáveis, grandes processos de design, no mais profundo entendimento de harmonia de elementos, quer no mundo artificial, quer no mundo natural.

A procura de novos modelos, prende-se com o desenvolvimento sustentável, associado a uma ética, estética e a um pensamento ecológico, sendo que o design é o elo que estabelece a relação entre o homem, o azulejo, imagem e ambiente.

É necessário que a relação entre azulejo – utilizador – espaço se torne mais agradável, eficaz, saudável, emotiva e interactiva. O motivo do azulejo, quando é criado, não se destina a um edifício concreto, ainda que o desenho possa revelar erudição. Por outro lado, o técnico de construção ou, às vezes, até o dono da obra não possui formação suficiente para projectar uma boa harmonia do azulejo com os restantes elementos arquitectónicos. Com estas volúveis, é lógico que resultem incoerências.

Devem ser utilizados novos valores e critérios de qualidade, a cultura de quantidade deve progredir para uma cultura de qualidade. Existindo claramente mais questões no design de azulejos além de servir para conter e seduzir. Consideramos, portanto, que o design de azulejos deve desempenhar um papel metafórico, traduzir benefícios funcionais e despertar sensações cognitivas e sensoriais.

5. BIBLIOGRAFIA

AAVV. *O azulejo em Portugal no séc. XX*. Lisboa: Edições Inapa, 2000.

AAVV. *Azulejos no Porto. Exposição Temporária Mercado Ferreira Borges*. 10 de Outubro 96 a 5 de Janeiro 97. Câmara Municipal da Cidade do Porto, 1996.

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e Percepção Visual*. S. Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

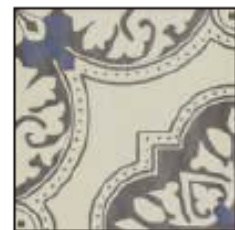
FERREIRA, L.M. *Arquitecturas de Cerámica vidriada*. Porto, Bilbao: Universidad del País Vasco, 2006.

FERREIRA, Luís Mariz. *El azulejo en la arquitectura de la ciudad de Oporto (1850-1920). Caracterizacion e intervencion*. País Vasco: Universidad del País Vasco, Facultad de Bellas Artes, 2009.

NERY, Eduardo. *Apreciação estética do azulejo*. Lisboa: Edições Inapa, 2007.

Anexo 1
FERREIRA (2009)

1. Estado actual e padrão



1



1 - 2

2. Proposta de intervenção e padrão



3. Descrição da intervenção: réplicas

Devido à extensão relativamente diminuta da lacuna, se bem que este edifício se insira num contexto urbano já muito alterado, é proposta a incorporação de réplicas, idênticas às originais. A montagem deverá ser intercalada permitindo corrigir os ocos detectados no rés-do-chão. Uma solução similar ao edifício D02/C03 não resultaria numa integração esteticamente feliz. Haveria ainda necessidade de se verificar o estado de funcionamento das argamassas, de eliminar peças metálicas oxidadas e de proceder a limpezas. Não se considera pertinente remover os azulejos introduzidos em intervenções anteriores.

Anexo 2

FERREIRA (2009)

1. Estado actual e padrão



2. Proposta de intervenção e padrão



3. Descrição da intervenção: novo padrão (cor neutra) e nova composição (gradação cromática)

Este imóvel apresenta falhas severas no rés-do-chão e junto à platibanda. Regista-se ainda que um conjunto de azulejos se encontra desligado do suporte (barriga), o que implica o levantamento parcial do pano. Para colmatar as lacunas assinaladas são propostas duas soluções diferenciadas: no rés-do-chão opta-se pela remoção das peças originais (devendo estas ser preservadas) e pela produção de novos azulejos com variação gradual da cor, desde a cor original, superiormente, até ao branco; no primeiro andar a lacuna poderá ser preenchida com azulejos de cor neutra, ligeiramente mais escura do que a cor de fundo dos azulejos originais.

Anexo 3
FERREIRA (2009)

1. Estado actual e padrão



2. Proposta de intervenção e padrão



3. Descrição da intervenção: reutilização dos azulejos originais e novo padrão (friso)

Para este edifício preconiza-se a colmatação das lacunas pela introdução de um friso composto por dois azulejos diferentes, de modo a suprir a falta de peças. A esta solução está associada a necessidade de levantamento total do pano, facto que se encontra em linha com a debilidade encontrada nas argamassas de assentamento. As peças removidas teriam de ser alvo de operações de limpeza de sais e de depósitos superficiais. O desenho dos novos azulejos do friso usa algumas linhas de composição do padrão original, promovendo a continuidade ao nível do desenho. A cor de fundo destas peças usará cores similares às do padrão original.